

Salários defasados

De cada dez pacientes atendidos em unidades de pronto-socorro do Distrito Federal, sete são de outros estados. Os números preocupam o secretário de Saúde, Jofran Frejat. “Os centros de saúde são geograficamente distribuídos de acordo com a população do DF. Como os pacientes de fora não conseguem atendimento nos centros, acabam saturando os hospitais que têm pronto-socorro.”

Além da sobrecarga nos hospitais, a chamada “importação” de pacientes custa dinheiro. Os 13 hospitais, 63 centros de saúde e 29 postos públicos do DF realizaram 5,1 milhões de atendimentos durante o ano passado. O Ministério da Saúde pa-

gou por apenas dois milhões deles — o equivalente a uma consulta por habitante, a cada ano.

Os outros 3,1 milhões de atendimentos foram custeados pelo próprio DF. Um rombo superior a R\$ 6 milhões. “Todas as grandes capitais do país sofrem com esse problema. Mas a situação do DF é pior, porque as cidades mais próximas não têm nenhuma estrutura de saúde”, avalia Frejat.

O secretário admite que os salários pagos aos médicos da rede pública estão defasados. “Estamos tentando incentivar os profissionais a procurar os centros de saúde de áreas periféricas. Assim poderemos aliviar a situação de sobrecarga nos hospitais.” O salário inicial de um médico da rede pública é de R\$ 1,2 mil. Com as gratificações, os profissionais que atendem em centros de periferia podem receber até R\$ 4,3 mil.